

Amato acha que seria bom antecipar posse

por Cynthia Malta
de São Paulo

A antecipação da posse do presidente da República, a ser eleito em 15 de novembro próximo, para 1º de janeiro é idéia defendida por alguns empresários como uma das formas para contornar a crise econômica. Esse assunto foi discutido na última segunda-feira pelas principais lideranças empresariais da indústria, agricultura, comércio e bancos em São Paulo.

"A questão foi colocada em função do receio da hiperinflação", explicou o vice-presidente da FIESP, Carlos Eduardo Moreira Ferreira. No entanto, os próprios empresários reconheceram a dificuldade para concretização da proposta e o presidente da FIESP, Mário Amato, que

esteve com o ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, terça-feira, em Brasília, garantiu que "não houve pedido formal de nossa parte ao governo para que isso fosse considerado".

Amato disse que a decisão de antecipar a posse do próximo presidente deve ser exclusiva do atual presidente.

Existem, em tese, outras duas formas — além da renúncia — que permitiriam a antecipação da posse: a modificação na Constituição, que fixou o mandato de 5 anos para o presidente Sarney (qualquer alteração exige a aprovação de dois terços do Congresso) ou um golpe de Estado.

Amato esclareceu que os empresários não estão defendendo um golpe. "A legalidade deve prevalecer".